

The background is a surreal landscape painting. The sky is a warm, yellowish-orange. A large, solid red circle representing the sun is positioned in the upper right. Below the horizon, there are several dark blue, rocky islands. The central island is the largest and has several small, white, human-like figures standing on it. The sea is a deep blue with visible, textured brushstrokes. A path of lighter blue and white leads from the foreground towards the central island. The foreground is a horizontal band with a dense, vertical texture of brown and tan lines, resembling a field of tall grass or reeds. On the right side of this foreground, there is a faint, stylized drawing of a creature with large, round eyes.

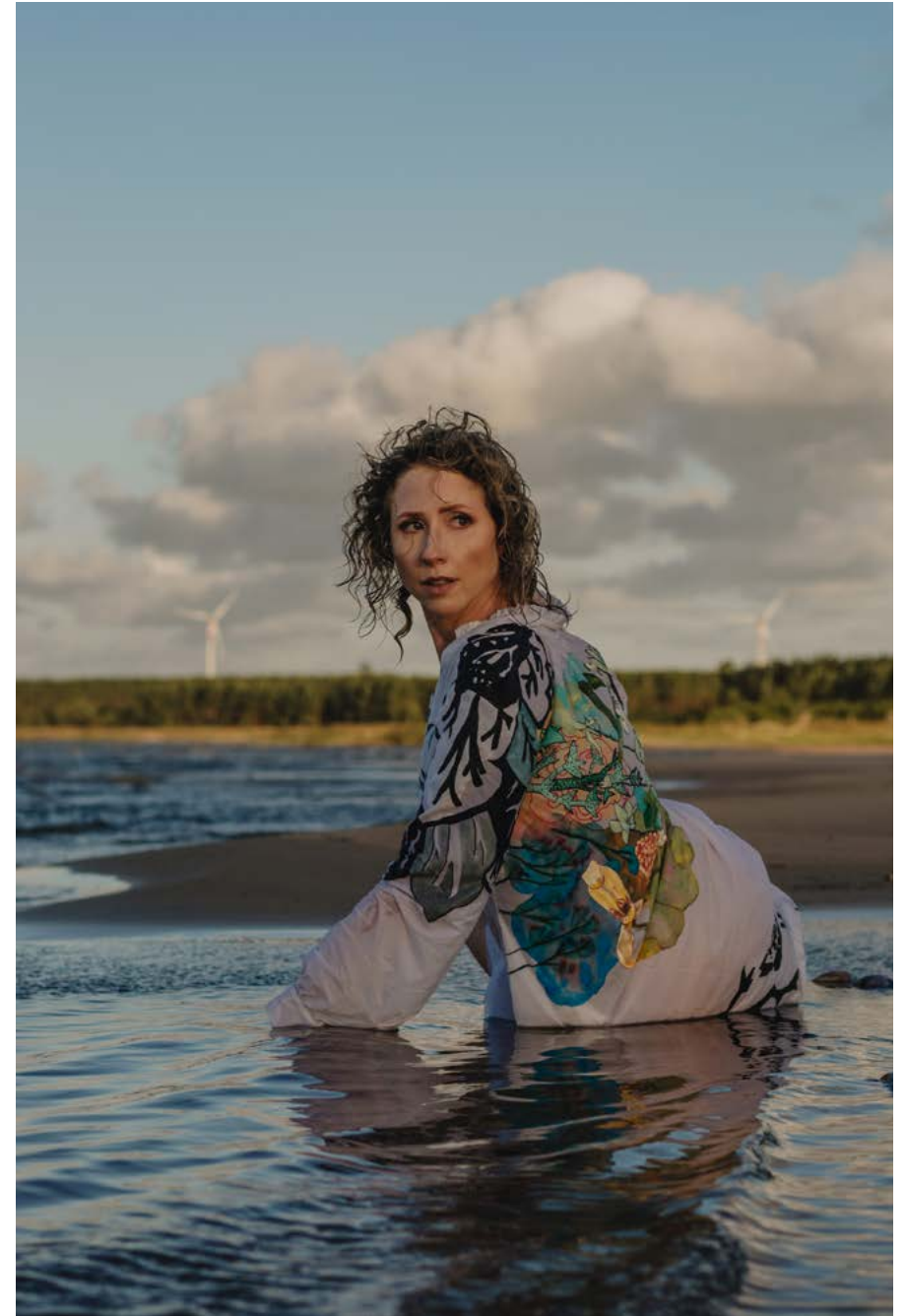
Miragens: onde dormem os sonhos

Lilian Maus

Miragens: **onde dormem** **os sonhos**

Lilian Maus

Porto Alegre, 2024



Lilian Maus (Salvador/BA, 1983) vive entre as cidades de Porto Alegre e Osório/RS. É artista visual representada pela Ocre Galeria (RS), Aura Galeria (SP), Roberto Alban (BA) e Murilo Castro (MG). Sua formação inclui os títulos de Doutora em Poéticas Visuais e Mestre em História, Teoria e Crítica da Arte – PPGAV/Instituto de Artes da UFRGS. Graduiu-se na Licenciatura em Artes Visuais no IA/UFRGS e no Bacharelado em Artes Plásticas, tendo realizado intercâmbio na Universitat de Barcelona (UB). Desde 2017, a artista atua como professora de Pintura do Instituto de Artes/UFRGS, onde coordena o Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas (PEHPA). Suas últimas publicações foram: o catálogo “Lilian Maus – obras” (UFRGS, 2023), o livro infantil “Mar de Brincar” (UERGS, 2021) e o livro de artista “Estudos sobre a terra” (Azulejo, 2017). Desde 2004, a artista vem ministrando cursos e palestras e realizando exposições em território brasileiro e internacional, tendo recebido prêmios nacionais da Funarte, do Ministério da Cultura, da PROEXC-UFPE, e, no Rio Grande do Sul, do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas em diversas categorias, além de prêmios internacionais pelo filme Travessia/Passage em festivais de vídeo no Canadá (ALTF Summer 2019 e no World Independent Cinema Awards WICA Toronto 2021) e na Rússia (New Harvest Film Festival 2019). Os seus trabalhos em pintura, instalação e vídeo já foram exibidos, além de diversos estados do Brasil, nos EUA, no Canadá, no México, no Japão, em Portugal, na Alemanha, na Inglaterra, na Rússia, na Espanha, na Colômbia, no Chile, no Uruguai e na Argentina. Suas obras fazem parte de acervos públicos e privados no Brasil e exterior. No Rio Grande do Sul, possui obras no MACRS, MARGS, Museu do Trabalho, Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (UFRGS), Pinacoteca Aldo Locatelli, em São Paulo, no Instituto Figueiredo Ferraz, em Pernambuco, na UNIVASF. Atuou como gestora do espaço artístico independente Atelier Subterrânea (Porto Alegre, 2006-2015, acesse o site: <http://ateliersubterranea.art.br/>). Suas últimas individuais foram: “Linhas Cruzadas” (2021), Fundação Força e Luz, Porto Alegre; “Memórias da água” (2021), vídeo-instalação no Canal de Irrigação Santa Terezinha, Residência Casco, Passinhos/RS; “Ygápéba” (2021), Intervenção na paisagem, Residência Casco, Lagoa dos Barros, Passinhos/RS; “Navegação Interior” (2020), Casa de Eva, Campinas/SP; “Cosmogonias Lúdicas” (2020), Sala Habitart, Porto Alegre; “Travessia por terra, água e ar” (2019), Paço dos Açorianos, Porto Alegre; “Olho d’água: por uma poética de travessia” (2018), curadoria de Márcio Harum, na Galeria Aura, São Paulo.

Lilian Maus (Salvador, Bahia - Brazil, 1983) lives between the cities of Porto Alegre and Osório, state of Rio Grande do Sul (RS). She is a visual artist represented by Ocre Gallery (RS), Aura Gallery (SP), Roberto Alban (BA), and Murilo Castro (MG). Her academic background includes a Ph.D. in Visual Poetics and a Master’s degree in History, Theory, and Criticism of Art-PPGAV/Institute of Arts at UFRGS. She graduated with a degree in Visual Arts Education from IA/UFRGS and a Bachelor’s degree in Fine Arts, with an exchange program at the Universitat de Barcelona (UB). Since 2017, the artist has been working as a Painting professor at the Institute of Arts/UFRGS, where she coordinates the Extension Program Aristict Histories and Practices (PEHPA). Her recent publications include the catalogue “Lilian Maus - obras” (UFRGS, 2023), the children’s book “Mar de Brincar” (UERGS, 2021), and the artist’s book “Studies of the earth” (Azulejo, 2017). Since 2004, the artist has been conducting courses, lectures, and holding exhibitions in Brazil and internationally, receiving national awards from Funarte, the Ministry of Culture, PROEXC-UFPE, and, in Rio Grande do Sul, the Açorianos Prize for Fine Arts in various categories, as well as international awards for the film “Travessia/Passage” at video festivals in Canada (ALTF Summer 2019 and World Independent Cinema Awards WICA Toronto 2021) and in Russia (New Harvest Film Festival 2019). Her works in painting, installation, and video have been exhibited in several states of Brazil, as well as in the USA, Canada, Mexico, Japan, Portugal, Germany, England, Russia, Spain, Colombia, Chile, Uruguay, and Argentina. Her works are part of public and private collections in Brazil and abroad. In Rio Grande do Sul, her works are found in MACRS, MARGS, Museu do Trabalho, Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (UFRGS), Pinacoteca Aldo Locatelli; in São Paulo, at Instituto Figueiredo Ferraz; in Petrolina in Pernambuco, at UNIVASF. She was a manager of the independent art space Atelier Subterrânea (Porto Alegre, 2006-2015, visit the website: <http://ateliersubterranea.art.br/> for more). Her recent solo exhibitions include: “Linhas Cruzadas” (“Crossed Lines” - 2021), at Fundação Força e Luz, Porto Alegre; video-installation “Memórias da água” (“Water Memories”, 2021), at the Santa Terezinha Irrigation Canal, Residência Casco, Passinhos/RS; “Ygápéba/Raft” (2021), landscape intervention, Casco Artist Residency, at Lagoa dos Barros, Passinhos/RS; “Navegação Interior” (“Inland Navigation”, 2020), at Casa de Eva, Campinas/SP; “Cosmogonias Lúdicas” (“Ludic Cosmogonies”, 2020), at Sala Habitart, Porto Alegre; “Travessia por terra, água e ar” (“Journey through land, water, and air”, 2019), at Paço dos Açorianos, Porto Alegre; “Olho d’água: por uma poética de travessia” (“Spring: for a poetic of passage”, 2018), curated by Márcio Harum, at Galeria Aura, São Paulo.



Gabriela Motta entrevista Lilian Maus,
podcast Panorama Crítico



MIRAGENS
ONDE
DORMEM
OS SONHOS



Sonhar como forma de viver junto

Há mais de uma década, a região de Osório, no Litoral Norte gaúcho, vem sendo não apenas o lugar onde a artista e professora Lilian Maus mantém seu ateliê, mas, sobretudo, um local de pesquisa, investigação e contato amoroso. De seu olhar atento à fauna, à flora, às lendas e às histórias da região, Lilian vem produzindo uma obra que trama paisagens vistas e sonhadas. A exposição *Miragens: onde dormem os sonhos*, na Ocre Galeria, reúne um recorte de trabalhos desenvolvidos nos últimos três anos, cruzando elementos e fábulas da região com outras referências da artista ligadas ao seu percurso poético. Baiana de nascimento, a artista usa o deslocamento como método de trabalho e suas andanças reverberam em pinturas, instalações e vídeos, obras impregnadas de múltiplas temporalidades. A perspectiva onírica, como não poderia deixar de ser, inunda a atmosfera do ambiente.

Osório é uma cidade banhada por vinte e três lagoas. Além de toda essa água, é atravessada pelo Morro da Borússia, um dos últimos territórios remanescentes de Mata Atlântica no Rio Grande do Sul. Os ventos intensos da região, além de movimentar a usina eólica construída em sua paisagem, carregam embarcações, fazem voar os praticantes de asa-delta e alimentam lendas e fantasmagorias do lugar. Uma dessas lendas está na gênese do vídeo *‘Ygápéba’* (2021-2023), palavra que significa jangada em Tupi-Guarani.

Como nos conta a artista, “o roteiro do filme surgiu após o encontro fortuito de um manual que ensinava a fazer uma jangada, registrado em documento histórico (1703), escrito por Domingos Filgueiras e compilado pelo historiador Fernandes Bastos. Filgueiras foi o primeiro viajante a traçar um Roteiro de Viagem do Litoral Gaúcho, tão propenso a naufrágios. As cenas da embarcação incendiada são inspiradas pela lenda do Navio Iluminado, que surge em 1894, durante a epidemia de ‘cãibra de sangue’, após o naufrágio do barqueiro Gustavo Voges, na Lagoa da Pinguela, em Osório”.

Partindo deste material lendário e histórico, em pleno seio da pandemia de Covid-19, Lilian se propôs a concretizar a imagem sugerida por estas narrativas em parceria com Biel Gomes e os moradores locais, durante a

residência artística Casco. No filme, em meio à lagoa dos Barros, em Osório, ao som da trilha de Vagner Cunha, vê-se uma jangada (ygápéba) em chamas. Na areia, diante da cena, uma porção de gente vai aos poucos se reunindo para assistir ao acontecimento. Antes e depois, as pessoas aparecem sempre de costas para a câmera. São idosos, adultos e crianças que se aproximam, encantados pela imagem paradoxal – fogo, água e embarcação amalgamados pela poesia –, imagem essa que é vista por nós e por eles. Neste processo de observação, encantamo-nos duplamente, justamente por esse olhar dobrado, que nos permite ver o outro como espelho de si. Somos todos e cada um dos que naufragam, dos que sonham, dos que se reconhecem no outro. Era uma vez a distinção entre nós e eles.

Esse ver o outro vendo nos leva para uma percepção de mundo que tira o protagonismo do individual, modo de existir tão acentuado pelo universo contemporâneo. As janelas se sobrepõem, do olhar de quem vê in loco, do nosso olhar, do enquadramento, da imagem filmada também através de uma janela. O turbilhão de um mundo múltiplo é inescapável.

É também através de janelas que as pinturas “Miragens do Exterior” (2024) e “Miragens do Interior” (2024) se organizam. As paisagens de um dentro e um fora, um lugar privado e outro comum, se misturam levando vestígios arenosos de um ambiente ao outro. Os tons, entre terrosos e azulados, ajudam a construir a ambiguidade entre o que seria o lado interno e o que seria o lado externo – de uma casa? De um farol? De uma concha? Areia desértica e mar se fundem, apontado para a ínfima distância entre tais biomas, o que também acontece na obra “Miragens: Fata Morgana” (2024), na qual referências às linhas de Nazca, no Peru, convivem com ilhas aparentemente flutuantes (trata-se de um fenômeno óptico que leva curiosamente o nome da feiticeira e meia-irmã do Rei Arthur, Fada Morgana).

A instabilidade própria das imagens produzidas por miragens irá reverberar nas demais obras da exposição, aproximando lendas e sonhos, memórias e histórias, misturando fronteiras e reivindicando nossa participação na percepção das imagens. Na série Área de Cultivo, por exemplo, é o clima aquoso que se sobressai. Os caminhos que o líquido cria em contato com o papel são os guias iniciais da artista, sugerindo por onde a pintura irá se construir. Este conjunto de trabalhos vem sendo desenvolvido desde 2010, indicando o processo contínuo do qual fazem parte. São pinturas e aquarelas quase abstratas, repletas de movimentos e formas que remetem ao universo subaquático e orgânico. Algas, raízes, borbulhos e areias flutuam em ambientes meditativos cujo título, que indica quantos trabalhos antes daquele para o qual se olha já foram feitos, sugere o

comprometimento com a repetição infinitamente diferente de um processo artístico. Em algumas dessas obras, como no trabalho N140, há também um procedimento de colagem, no qual Lilian recorta e cola fragmentos de outras obras sobre as telas. Estes enxertos de pintura criam uma relação temporal interna ao trabalho, como se a área da pintura fosse também uma área arqueológica, a qual somos instigados a observar com atenção a fim de reconhecer seus vestígios e, através deles, quem sabe, desvendar desejos, escolhas, pensamentos.

Em todas essas obras e nas demais que participam da mostra, Lilian Maus nos convida a aguçar o olhar, o corpo e a subjetividade. Podemos nos afastar e nos aproximar fisicamente de cada trabalho, mas nossas memórias, devaneios e sonhos é que tecem a ponte principal com cada obra e com a galeria inteira. E com os outros visitantes. É preciso lembrar que, para povos indígenas como os Tupi-Guarani, os primeiros habitantes da região de Osório, os sonhos dizem respeito à coletividade, são instrumentos de conhecimento do mundo. Assim, as miragens que nos escapam, mas que reverberaram e suplantaram a insuficiência da linguagem falada, podem instaurar uma poética onírica comunitária, grupal, nos (re)aproximando de outras formas de viver junto.

Gabriela Kremer Motta

Pesquisadora, crítica e curadora em artes visuais
Professora adjunta do Instituto de Artes da UFRGS-DAV



Dreaming as a way of living together

For more than a decade, the region of Osório, on the northern coast of the state of Rio Grande do Sul, Brazil, has served not only as the site where the artist and professor Lilian Maus maintains her atelier, but a place for research, investigation, and emotional connection. From her attentive look at the fauna, flora, legends and stories from the region, Lilian has been producing a work that intertwines seen and dreamt landscapes. The exhibition 'Mirages: where dreams sleep', at Ocre Gallery, brings together a selection of works developed in the last three years, crossing elements and fables from the region with other references of the artist, linked to her poetic path. Born in the state of Bahia, the artist employs displacement as a work method and their wanderings reverberate in paintings, installations, and videos, artworks infused with multiple temporalities. The dreamlike perspective, as it could not be otherwise, floods the atmosphere of the environment.

Osório is a town bathed by twenty-three lagoons. Besides all that water, it is crossed by Morro da Borússia, one of the last remaining territories of the Atlantic Forest in Rio Grande do Sul. The intense winds of the region, in addition to powering the wind power station built within its landscape, propel boats, make hang glider practitioners soar, and feed the legends and phantasmagorias of that place. One of those legends is in the genesis of the video 'Ygápéba' (2021-2023), a word that means 'raft' in Tupi-Guarani language.

As the artist recounts, "the film's screenplay came out after the chance discovery of a manual detailing how to build a raft, recorded in a historical document (1703), written by Domingos Filgueiras and compiled by the historian Fernandes Bastos. Filgueiras was the first traveller to draw up a Travel Itinerary of the Coast of Rio Grande do Sul, so prone to shipwrecks. The scenes of the blazing vessel are inspired by the legend of the Illuminated Ship, which emerged in 1894, during the 'cramp of blood' epidemic, following the shipwreck of the boatman Gustavo Voges, in the Lagoa da Pinguela, in Osório".

Starting from this legendary and historic material, amidst the COVID-19 pandemic, Lilian set out to bring to life the image suggested by those narratives partnering with Biel Gomes and residents, during the Casco artistic residency. In the film, to the sound of Vagner Cunha's original score, in the middle of the Lagoa dos Barros, we see a blazing raft ('ygápéba'). On

the sand, before the scene, a bunch of people gradually gather together to watch the event. Before and after, people always appear with their backs to the camera. They are elderly, adults and children who approach themselves, delighted by the paradoxical image – fire, water, and vessel mixed by the poetry – such an image that is seen by us and by them. In this observation process, we are doubly enchanted, precisely because of this doubled gaze, which allows us to see the other as a mirror of ourselves. We are every and each one from those who sink, from those who dream, from those who recognise themselves in the other. Once upon a time, there was a distinction between us and them.

This seeing the other seeing leads us to a perception of the world that takes away the protagonism of the individual, a way of existing so emphasised by the contemporary universe. The windows overlap, from the perception of those who see in loco, from our perception, from the framing, from the image also captured through a window. The turmoil of a manifold world is inescapable.

It is also through windows that the paintings 'Mirages from Outside' (2024) and 'Mirages from Inside' (2024) arrange themselves. The landscapes of an inside and an outside, a private place and a common one, get fused taking sandy traces from one environment to the other. The shades, ranging from earthly to bluish, help to build the ambiguity between what would be the interior and exterior sides – of a house? Of a lighthouse? Of a shell? Desert sand and sea merge, pointing to the tiny distance between such biomes, which also happens in the work 'Mirages: Fata Morgana' (2024), in which references to the lines of Nazca, Peru, live together with islands apparently floating (it is an optical phenomenon that curiously takes its name from the sorceress and King Arthur's half-sister, Fairy Morgana).

The instability inherent to images produced by mirages will reverberate in the other works of the exhibition, bringing together legends and dreams, memories, and stories, blending boundaries and claiming our participation in the perception of images. In the series 'Cultivation Area', for example, the watery atmosphere stands out. The paths the liquid creates when in contact with the paper are the artist's initial guides, suggesting where the painting will unfold. This set of works has been developed since 2010, indicating the ongoing process of which they are part. They are almost abstract paintings and watercolours, with plenty of movements and shapes which evoke the underwater and organic universe. Algae, roots, bubbles, and sands float in meditative environments whose title, indicating how many works before the one being looked at have already been made, suggests a commitment to the infinitely different repetition of an artistic process. In some of these

works, such as in the piece N140, there's also a collaging procedure, where Lilian cuts out and pastes fragments of other works onto the canvases. These painting grafts create an internal temporal relationship within the work as if the painting area was also an archaeological site, which we are prompted to observe carefully to recognize its traces and, through them, perhaps, unravel desires, choices, and thoughts.

In all those works and the others participating in the exhibition, Lilian Maus invites us to sharpen our gaze, body, and subjectivity. We can physically move away and get closer to each work, but our memories, daydreams, and dreams are what weave the main bridge with each work and with the entire gallery. And with the other visitors. We must remember that, for indigenous peoples like the Tupi-Guarani, the first inhabitants of the region of Osório, dreams concern the collective, serving as instruments of knowledge of the world. Thus, the mirages that elude us, but reverberated and transcended the insufficiency of spoken language, can establish a communal, group-based dreamlike poetics, (re)connecting us to other ways of living together.

Gabriela Kremer Motta

Researcher, critic, and curator in visual arts
Associate Professor at the Institute of Arts of UFRGS-DAV



IRRENS

ONBE

DORME

OS SONHOS

LILIAN MAUS

Curadoria Gabriela Motta

Obras da exposição

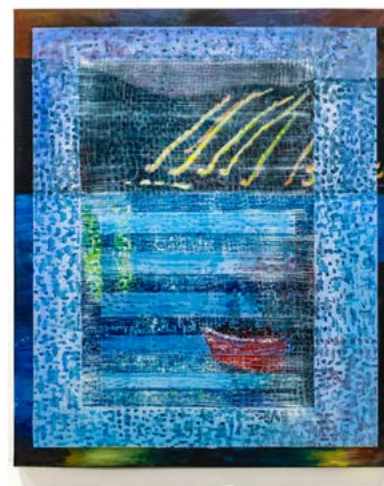
Exhibition's artworks



Cosmogonia: Eros, 2020-2024
Pintura acrílica e óleo sobre papel colado em tela
153 x 232 cm
Lilian Maus

Cosmogony: Eros, 2020-2024
Acrylic and oil painting on paper glued to canvas
153 x 232 cm
Lilian Maus

Processo
da pintura
Cosmogonia:



Miragens: Fogo-fátuo, 2024
Pintura acrílica e óleo sobre linho
59 x 49 cm
Lilian Maus

Mirages: Will-o'-the-wisp, 2024
Acrylic and oil painting on linen
59 x 49 cm
Lilian Maus



N116, série Área de Cultivo, 2022
Pintura acrílica, óleo e aquarela sobre papel e verniz vitral além de giz líquido sobre vidro
70 x 100 cm
Lilian Maus

N116, Cultivation Area series, 2022
Acrylic, oil and watercolor painting on paper and stained glass varnish as well as liquid chalk on glass
70 x 100 cm
Lilian Maus



Miragens: Fenda, 2024
Pintura acrílica sobre tela
104 x 197,5 cm
Lilian Maus

Mirages: Rift, 2024
Acrylic painting on canvas
104 x 197,5 cm
Lilian Maus

N143, N157, N148,
N144, N131, N134,
N133, N158, N135,
N132, N146, N149,
N153, N130, N156,
N155, N151, N154,
N145, N152, N147,
série Área de Cultivo, 2023-2024
Aquarela, tinta caligráfica, nanquim e guache sobre
papel 300 e 600 g
30 x 40 cm (cada)
Lilian Maus

N143, N157, N148,
N144, N131, N134,
N133, N158, N135,
N132, N146, N149,
N153, N130, N156,
N155, N151, N154,
N145, N152, N147,
Cultivation Area series, 2023-2024
Watercolor, calligraphy ink, India ink and gouache on 300
and 600 g paper
30 x 40 cm (each)
Lilian Maus





Miragens do interior, 2024
Pintura acrílica sobre tela
78 x 107 cm
Lilian Maus

Mirages from Inside, 2024
Acrylic painting on canvas
78 x 107 cm
Lilian Maus



Miragens do exterior, 2024
Pintura acrílica sobre tela
78 x 107 cm
Lilian Maus

Mirages from Outside, 2024
Acrylic painting on canvas
78 x 107 cm
Lilian Maus



N140, série Área de Cultivo, 2023
 Pintura acrílica e óleo e colagem de tela sobre tela
 90 x 150 cm
 Lilian Maus

N140, Cultivation Area series, 2023
Acrylic and oil painting and collage of canvas on canvas
90 x 150 cm
Lilian Maus



Miragens: Fata Morgana, 2024
 Acrílico e óleo sobre tela
 150 x 180 cm (diptico)
 Lilian Maus

Mirages: Fata Morgana, 2024
Acrylic and oil on canvas
150 x 180 cm (diptych)
Lilian Maus



Boitatá nos Pampas, 2024
 Instalação de estampas autorais produzidas em aquarela com finalização digital
 para sublimação em tecido microtule
 Dimensões variáveis
 Lilian Maus



Boitatá in the Pampas, 2024
Installation of original prints produced in watercolor with digital finishing for
sublimation on micro tulle fabric
Variable dimensions
Lilian Maus



Frame de vídeo

Ygápéba, 2024
 Vídeo digital, 6 min.
 Codireção Lilian Maus e Biel Gomes
 Direção de Fotografia Biel Gomes
 Fotografia Kairo Lenz
 Trilha Sonora Vagner Cunha

Video frame

Ygápéba, 2024
 Digital video, 6 min.
 Co-directed by Lilian Maus and Biel Gomes
 Cinematography Biel Gomes
 Photography Kairo Lenz
 Original score Vagner Cunha



Ygápéba



Video do processo
 “Poéticas de Travessia”



Miragens: onde dormem os sonhos

O título da exposição individual “Miragens”, realizada pela artista e professora do Instituto de Artes da UFRGS, Lilian Maus (1983, Salvador/BA), na Galeria Ocre, em Porto Alegre, faz menção a um delírio. Uma miragem é um espelho feito de ar, que surge por meio da diferença de calor entre duas camadas aéreas. Mas não é sólida como um espelho, é efêmera. É como se o deserto trouxesse embutida, junto com a falta, a imagem daquilo que falta.

Esta exposição da Lilian apresenta, sobretudo, paisagens. As paisagens estão ligadas às formas de atenção de cada um. São trocas entre o que queremos ver e o que existe. Considero que tem havido um gradativo empobrecimento das atenções, um empobrecimento nos mecanismos de encontros e de trocas com os outros. A exposição da Lilian quer nos alertar sobre estas perdas, mostrando muitas formas de ver o mundo dentro e fora do espaço da galeria: pintura sobre tela e papel, vídeo projetado na fachada, instalação com tecido no jardim, performance e texto-imagem.

Um dos lugares por onde a artista tem andado e visto paisagens é a região de Osório, onde cresceu e desenvolveu sua tese de doutorado. Penso que a Lilian está criando com o seu fazer uma espécie de infância amadurecida. Só uma artista é capaz disso. Falo infância porque, para desenvolver uma percepção mais livre, temos de buscar um olhar quase impossível, uma atenção para as coisas em si mesmas. Assim como Barthes conceitua a escuta psicanalítica como uma tarefa muito difícil, ou seja, como uma escuta que, ao invés de procurar, “deixa surgir”. Penso que, do mesmo modo, a Lilian está desenvolvendo uma atenção que pode estar relacionada à forma de agir e de perceber da infância, pois não refuta o que quer que encontre – seja um inseto, um bugio ou um conto –, tudo é passível de atenção e de descoberta. E digo amadurecida porque, simultaneamente, não abdica da reflexão.

A artista abandona-se a uma receptividade viva e, por isso, transita por tantos meios. Ela mergulha em procedimentos muito antigos, ligados à tradição pictórica, utilizando líquidos, panos, tintas e colocando o corpo e o gesto no centro do trabalho, até chegar à produção cinematográfica movida a práticas colaborativas, na companhia de Biel Gomes e da comunidade de Osório, com personagens como Pedro e Emanuel Ávila, Paulinho Biru e

Tadeu Marcelino, não-atores que atuam no filme “Ygápéba”. Desse modo, podemos dizer que o trabalho transborda o espaço da galeria de arte e ganha força política na região de Osório.

Na tese de doutorado, a artista produziu um “inventário de fauna e flora” baseando-se em procedimentos que os biólogos usavam para seus registros. Em seu trabalho, Lilian relatou: “É nesse espaço onde a linguagem encontra a terra, a partir do trabalho do olhar e das mãos, que surgem os desenhos e poemas em prosa do INVENTÁRIO DE FAUNA E FLORA. Eles foram feitos a partir de incursões no Morro da Borússia, num movimento de abertura ao encontro com esse ambiente.”

Penso que esta é uma das chaves para o acesso ao trabalho atual. A artista faz uma catalogação que não informa os critérios que ordenam o que é registrado. A linguagem tem por centro um fundo insondável e estável sobre o qual erigimos nossas representações. A casa da infância, por exemplo, inscreve em nós as diferentes funções do habitar, carregamos conosco para todas as outras casas a imagem deste primeiro lar. Entretanto, muito do que a artista faz tem relação com outro tipo de encontro: com a percepção de estruturas difusas, de misturas, com as metamorfoses da natureza viva. A natureza é o que derruba as nossas certezas, o que nos apresenta relações inesperadas. Aqui é bom lembrar o que escreveu Paul Valéry: “Aqueles que enxergam as coisas com exatidão demais não as enxergam exatamente, portanto.” Nas pinturas atuais da Lilian, é possível pensar um aprofundamento desse movimento de catalogação do inefável. As pinturas certamente não têm a infinidade de variações do real, mas apresentam uma abertura inclassificável no olhar do artista ao se dispor à troca com o real. O rigor científico, que tentava encontrar ordens na natureza, cedeu lugar às sobreposições improváveis, objetos difusos e fronteiras invadidas.

A pintura chamada N140, da série Área de Cultivo, nos mostra uma paisagem. Podemos deduzir que é uma paisagem pela estrutura da composição: há, por exemplo, uma área que vai da base até uma linha horizontal próxima à metade da pintura dentro da qual os objetos que ali estão são refletidos. Seria como um lago povoado de abstrações. Um lago onde estão colocadas imagens emolduradas. Poderia ser descrito como se a ordem vegetal, com suas raízes e folhas, servisse de moldura para memórias. O corpo se habitua aos lugares, às pequenas distâncias, aos mínimos sons e cheiros, incorporando isso aos seus movimentos. Se o lugar é rico e contém diferenças, estas são como ninhos para as nossas memórias. Imagino que a artista queira traduzir essa vivência do lugar na pintura. Mas nada disso é definitivo, são como escrevi no início deste texto: visões efêmeras, miragens, frutos do desejo.

Há outra pintura denominada “Fenda” que podemos classificar tanto como abstrata quanto como realista, em que a artista joga com a distração e a atenção simultâneas do olhar. Durante o processo da pintura, um gesto inicial lança um alagado de tinta sobre o tecido, a água desencadeia um sonho com a forma de um cânion e de uma cachoeira, marcas mais arbitrárias são estabelecidas com pincel em punho, mas param antes do fim para permitir que se mantenha o jogo com a dualidade entre o figurativo e o abstrato. A artista viu as marcas que ela mesma fez e colheu as formas sugeridas do espelho úmido da tela e a desdobrou, quando a tinta estava ainda úmida, em mais duas pinturas menores: “Miragens do Interior” e “Miragens do Exterior”, resultados absolutamente distintos de impressões da matriz “Fenda”. Leonardo Da Vinci também costumava ver figuras em manchas, assim como toda criança já as coletou das nuvens. Os sentidos recolhem o que surge e buscam torná-lo representação, buscam estabelecer relações consistentes com outros padrões. Este é um processo que envolve todo o indivíduo, desde o intelecto até as mais sutis lembranças corporais.

Numa tarde qualquer, um observador talvez não tenha nada para fazer, ou, quem sabe, esteja cansado e se entregue à contemplação desta pintura. Por estar desobrigado de maiores compromissos, o olhar pode se fixar e descobrir imagens novas, talvez um cavalo alado, quem sabe o mapa de um rio desconhecido ou uma cachoeira. A abstração e a liberdade permitem que o olhar se invente. Ele não precisa buscar as respostas no catálogo instantâneo para olhares necessários, pode se deixar levar pelo desejo mesmo de ver. Este jogo livre de trocas inesperadas pode se dar nessa pintura.

Não considero que a Lilian busque simulacros ou queira passar algum conceito. Ela encontra beleza, mas não faz disso seu principal objetivo. Ela traduz encontros e, por diversos meios, em função da peculiaridade de cada um, apresenta visões múltiplas. Recusando-se a separar a verdade do encontro do conhecimento, contamina-o e relativiza qualquer afirmação definitiva. É neste movimento que o trabalho da Lilian floresce.

Mário Furtado Fontanive

Graduado em Arquitetura pela UFRGS e Doutor em História, Teoria e Crítica de Arte pelo PPGAV-IA/UFRGS. É professor de Teoria do Design e Semiótica na Faculdade de Arquitetura da UFRGS e também poeta e ensaísta, autor de *Dentro do Oco, A mão e o número: sobre a possibilidade do exercício da intuição nas novas tecnologias* e *A Margem: ensaio sobre experiência e desejo*.



Mirages: where dreams sleep

The title of the individual exhibition 'Mirages' by the Artist and Professor at the Institute of Arts of UFRGS, Lilian Maus (1983, Salvador/BA), at Ocre Gallery, Porto Alegre - Brazil, refers to a daydream. A mirage is a mirror of air, which emerges through a difference in heat between two layers of air. But it is not as solid as a mirror; it is ephemeral. It is as if the desert embedded, along with the lack, the image of what is lacking.

This exhibition by Lilian introduces, above all, landscapes. The landscapes are linked to each individual's form of attention. They are exchanges between what we want to see and what exists. I consider that there has been a gradual impoverishment of attention, an impoverishment of the mechanics of encounters and sharing with others. Lilian's exhibition aims to alert us to these losses, showing many ways of seeing the world inside and outside the gallery space: painting on canvas and paper, video projected on the facade, installation with fabric in the garden, performance, and text-image.

One of the places where the artist has been wandering and seeing landscapes is the region of Osório, where she grew up and developed her doctoral thesis. I believe that Lilian is creating a kind of mature childhood through her craft. Only an artist can do this. I say childhood because, to develop a freer perception, we must seek an almost impossible perspective, an attention to the things themselves. Just as Barthes conceptualized psychoanalytic listening as an extremely difficult task, that is, as a listening that, instead of seeking, 'allows emergence'. I believe that similarly, Lilian is developing an attention that may be linked to the way of acting and perceiving in childhood, as she does not reject whatever she encounters – whether it be an insect, a howler monkey, or a short story – everything is worthy of her attention and discovery. And I say mature because, at the same time, she does not abdicate reflection.

The artist surrenders herself to a lively receptivity, and as a result, she moves through so many mediums. She delves into very old procedures, linked to the pictorial tradition, using liquids, cloths, and paints, and placing the body and gesture at the center of the work, until she reaches cinematographic production driven by collaborative practices, accompanied by Biel Gomes and the community of Osório, with characters such as Pedro and Emanuel Ávila, Paulinho Biru, and Tadeu Marcelino, non-actors who perform in the

film Ygápéba. Thus, we can say that the work overflows the space of the art gallery and gains political strength in the region of Osório.

In her doctoral thesis, the artist produced an 'inventory of fauna and flora' based on procedures that biologists used for their records. In her work, Lilian reported: "It is in this space where the language meets the earth, through the work of perception and hands, that the drawings and poems in prose of the INVENTORY OF FAUNA AND FLORA emerge. They were created from incursions in Morro da Borússia, in a movement of openness to encounter with this environment."

I believe that this is one of the keys to accessing the artist's current work. The artist engages in a cataloging that does not disclose the criteria that organize what is recorded. Language centers an unfathomable and unstable foundation upon which we construct our representations. For instance, the childhood home inscribes within us the multiple functions of living; we carry with us to all other homes the image of this first home. However, much of what the artist does relates to another type of encounter: with the perception of diffuse structures, mixtures, and the metamorphosis of the living nature. Nature is what dismantles our certainties, introducing unexpected relationships. Here it is worth recalling what Paul Valéry wrote: "Those who see things with too much accuracy do not see them exactly, therefore." In Lilian's current paintings, one can contemplate a deepening of this cataloging movement of the ineffable. The paintings certainly do not encompass the infinite variations of reality, but they present an unclassifiable aspect in the artist's perception when open to exchange with reality. The scientific rigor, which attempted to find order in nature, has given way to improbable superpositions, diffuse objects, and invaded boundaries.

The painting titled N140, from the series 'Cultivation Area', presents us with a landscape. We can deduce that it is a landscape due to the structure of the composition: there is, for example, an area that extends from the base to a horizontal line close to the midpoint of the painting within which the objects lying there are reflected. It is as if it were a lake where framed images are placed. It could be described as if the vegetal order, with its roots and leaves, served as a frame for memories. The body becomes accustomed to places, to small distances, to the faintest sounds and scents, incorporating them into its movements. If the place is rich and contains differences, these are like nests for our memories. I imagine that the artist wants to translate that experience of the place into the painting. But none of this is definitive, as I wrote at the beginning of this text: ephemeral visions, mirages, fruits of desire.

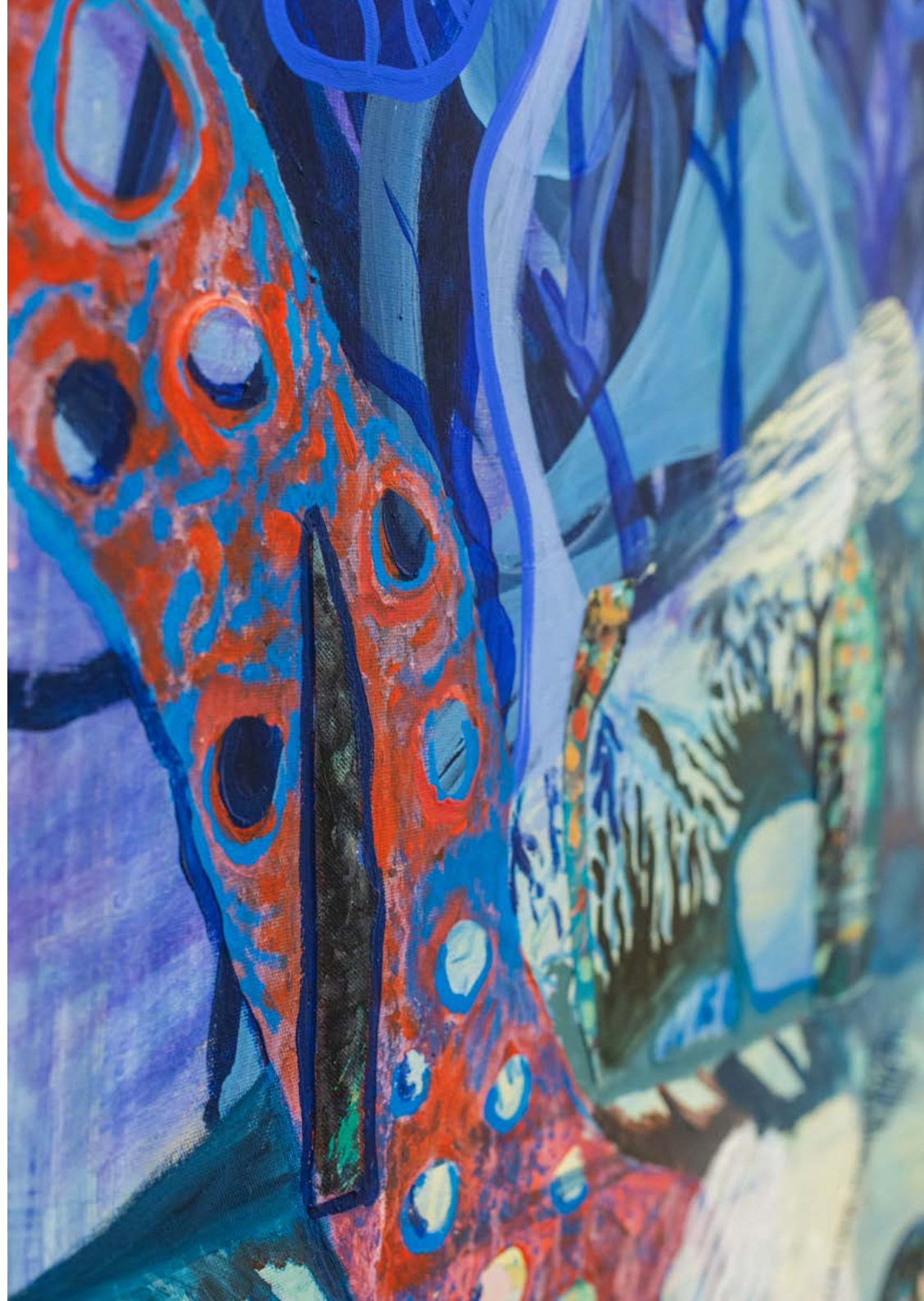
There is another painting titled 'Rift' that we can classify as both abstract and realistic, where the artist plays with the simultaneous oversight and attention of perception. During the process of painting, an initial gesture throws a flood of paint onto the fabric; water triggers a dream with the shape of a canyon and a waterfall; more arbitrary marks are established with the brush in hand, maintaining the game with the duality between the figurative and the abstract. The artist saw the marks she made and collected the suggested shapes from the wet mirror of the canvas, unfolding it when the paint was still wet into two smaller paintings: 'Mirages from Inside' and 'Mirages from Outside', different results of prints from the 'Rift' matrix. Leonardo Da Vinci also used to see figures in spots, just like every child he collected them from the clouds. The senses collect what appears and seek to make it a representation, seeking to establish consistent relationships with other patterns. This is a process that involves the entire individual, from the intellect to the most subtle bodily memories.

On any given afternoon, an observer may have nothing to do, or, perhaps, they are tired and give themselves over to contemplating this painting. Because it is free from major commitments, the gaze can fix itself and discover new images, perhaps a winged horse, perhaps the map of an unknown river or a waterfall. Abstraction and freedom allow the perception to invent itself. It doesn't need to look for answers in the instant catalog for necessary glances, it can get carried away by the desire to see. This free game of unexpected changes can take place in this painting.

I do not consider that Lilian seeks simulacra or wants to convey any concept. She finds beauty but does not make it her main goal. She translates meetings and, through different mediums, depending on the peculiarities of each one, presents multiple visions. Refusing to separate the truth from the encounter of knowledge, contaminates it and relativizes any definitive statement. It is in this movement that Lilian's work flourishes.

Mário Furtado Fontanive

Graduated in Architecture from UFRGS with a PhD in History, Theory and Art Criticism from PPGAV-IA/UFRGS. He is a professor of Design Theory and Semiotics at the Faculty of Architecture at UFRGS and also a poet and essayist, author of *Dentro do Oco, A mão e o número: sobre a possibilidade do exercício da intuição nas novas tecnologias* and *A Margem: ensaio sobre experiência e desejo*.





Organização Lilian Maus.

© Danielle Goularte: retratos nas páginas 5 e 44.

© Lilian Maus: fotografias, p. 24 a 27.

© Biel Gomes: frame Ygápéba, p. 32.

© Fabio Alt: demais fotografias.

© Gabriela Kremer Motta e Mário Furtado Fontanive: textos.

Tradução e revisão: Cacá Toledo.

Este livro foi composto em Public Sans com projeto gráfico de Marina Polidoro.

Abril de 2024.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M459m Maus, Lilian

Miragens: onde dormem os sonhos / Lilian Maus, artista, organização e fotografia ; textos Gabriela Kremer Motta, Mário Furtado Fontanive ; tradução e revisão Cacá Toledo ; projeto gráfico e diagramação Marina Bortoluz Polidoro ; fotografia, projeto gráfico e diagramação, Fábio Alt, Biel Gomes. –Porto Alegre : UFRGS/IA, 2024.

44 f. : il. fots., color.

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN 9786559733460 (on-line)

ISBN 9786559733453 (impresso)

1. Pintura. 2. Catálogo de exposição. 3. Miragens. 4. Arte contemporânea. I. Maus, Lilian. II. Motta, Gabriela Kremer. III. Fontanive, Mário Furtado. IV. Toledo, Cacá. V. Polidoro, Marina Bortoluz. VI. Alt, Fábio. VII. Gomes, Biel.

CDU 750

ocregaleria



Panorama(crítico)

Mais informações sobre a artista:

Site: www.lilianmaus.art.br

Instagram: @lilianmaus

Canal YouTube : <https://www.youtube.com/@lilimaus/playlists>

E-mail: lilimaus@gmail.com

